

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

LUNA PEREIRA GIMENEZ

LITERATURA FANTÁSTICA:
ANÁLISE SIMBÓLICA DA TRILOGIA *CRÔNICAS DO MUNDO EMERSONIANO* E A
EXPERIÊNCIA DA LEITURA

SÃO PAULO

2015

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

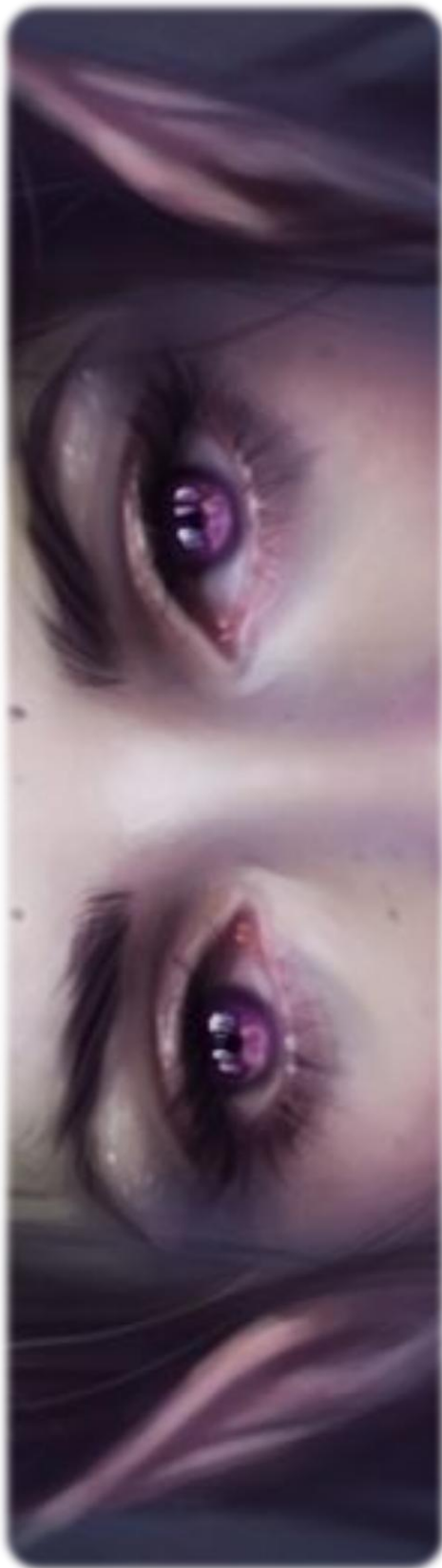
LUNA PEREIRA GIMENEZ

LITERATURA FANTÁSTICA:
ANÁLISE SIMBÓLICA DA TRILOGIA *CRÔNICAS DO MUNDO EMERSONIANO* E A
EXPERIÊNCIA DA LEITURA

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Noely Montes Moraes.

SÃO PAULO

2015



AGRADECIMENTOS

Agradeço o apoio, incentivo e compreensão dos meus pais José Luiz e Nanci, do meu irmão Luan e do meu sempre companheiro, Leonardo. Sem os quais eu não seria quem eu sou, e não chegaria onde cheguei.

À minha orientadora, Noely, que acreditou em mim desde o início e me acolheu nessa trajetória, fazendo com que o trabalho nascesse de forma prazerosa. À Prof^a Luísa de Oliveira, responsável por minha iniciação, e principalmente, por minha permanência nesse caminho que propicia um olhar especial do mundo. À Prof^a Rita Rosa, pela confiança e incentivo.

A todos que me acompanharam na conquista deste sonho. Muito obrigada.



“Quantos homens não iniciaram uma nova vida
após a leitura de um livro?”

Platão



LUNA PEREIRA GIMENEZ: Literatura Fantástica: da análise simbólica à experiência da leitura, 2015. Orientado por Noely Montes Moraes.

RESUMO

Durante o processo de elaboração do presente trabalho, nasceram dois objetivos: 1. Relacionar os conceitos junguianos com a obra “Crônicas do Mundo Emerso” e a trajetória da personagem principal, uma heroína, a fim de fazer uma leitura simbólica desta fantasia que trata de um assunto humano essencial. 2. Compreender como a experiência da leitura fantástica e uma possível identificação com a personagem principal pode apresentar-se como possibilidade de ampliação da consciência dos sujeitos leitores em suas vidas reais, ou seja, no seu processo de individuação. Para tanto, foi feito um levantamento bibliográfico e descrição dos principais arquétipos presentes na trilogia, relacionando-os com a trajetória da personagem principal da saga. Com base na teoria junguiana, foi feita uma análise de resenhas e opiniões disponibilizadas publicamente na internet por leitores da trilogia que relataram uma possível identificação com a personagem. A ampliação simbólica da trajetória da heroína nos permitiu perceber como o padrão arquetípico está presente na narrativa fantástica. Desta forma, o olhar da psicologia analítica é uma fonte auxiliadora na compreensão desses padrões e como eles podem influenciar e colaborar com o desenvolvimento de leitores jovens. Assim, a identificação do leitor com a personagem da literatura fantástica parece permitir a possível elaboração de aspectos da psique inconsciente do leitor evocados pelos conteúdos arquetípicos da saga. Bem como uma possível ampliação de consciência quando esses conteúdos são conscientizados e elaborados.

Palavras-chave: Literatura Fantástica, Arquétipo do Herói, Psicologia Analítica, Crônicas do Mundo Emerso.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. BASES BIBLIOGRÁFICAS:	11
3. CONTRIBUIÇÕES CONCEITUAIS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA	14
3.1 HERÓIS E HEROÍNAS: EM BUSCA DE RENOVAÇÃO	14
3.2 ANIMA/ANIMUS: CONHECER E RECONHECER ATRAVÉS DO OUTRO ...	18
4. PRESSUPOSTOS:.....	21
5. OBJETIVOS:.....	21
6. MÉTODO.....	22
7. ANÁLISE.....	23
7.1 INTRODUÇÃO À SAGA	23
7.2 A TRAJETÓRIA	27
7.3 DESENVOLVIMENTO DE NOVAS HABILIDADES E QUALIDADES.....	41
7.4 EXPERIÊNCIA DA LEITURA.....	47
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	54

1. INTRODUÇÃO

Não há povo e não há homem que possa viver sem ela [a literatura], isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado [...] a literatura é o sonho acordado das civilizações. (CANDIDO, 1995, p.180)

A ideia de pesquisar sobre a implicação dos arquétipos em livros de histórias fantásticas, como por exemplo, *Crônicas Do Mundo Emerso* de Licia Troisi, surgiu da curiosidade acerca da identificação de tantos jovens com esse tipo de leitura, pois fizeram desta trilogia e de tantas outras, *best sellers*. A trilogia *Crônicas do Mundo Emerso* vendeu mais de 100 mil exemplares somente em 2006, na Itália, país onde foi lançada. O interesse deste trabalho também surgiu da curiosidade pessoal da pesquisadora sobre este estudo em livros que fantasiam de maneira intensa e emocionante momentos decisivos e de grande transformação nos assuntos humanos, principalmente no período da adolescência.

Neste trabalho, foi correlacionada a história da personagem principal da trilogia com a teoria junguiana, bem como foram pesquisados em blogs, sites e redes sociais, discursos de sujeitos que disponibilizaram publicamente relatos sobre experiência de leitura e opinião sobre a saga de livros, para análise de uma possível identificação com a personagem do enredo fantástico.

Mesmo tendo suas raízes nos primórdios da existência humana, o fantástico continua presente de uma maneira forte nos filmes, livros, peças de teatro, seriados e novelas. Desta forma, a literatura de ficção e fantasia emprega os referenciais da imaginação e incorpora os mitos de todas as épocas.

Boechat (2008), quando fala sobre o gênero ficção científica, comenta que o limite entre a ficção científica e fantasia não é claro, pois em ambos, o imaginário e o mitológico arquetípico têm lugar na fantasia do cotidiano. A perspectiva junguiana é uma constante “desliteralização” dos fatos cotidianos, uma elaboração de eventos concretos através de uma atitude simbólica. A mitologia, então, se faz muito útil nesta abordagem, visto que ela é constituída de imagens simbólicas. Para Barcellos (2012), a imagem na arte, nos mitos, na fantasia e na sua maneira de revelar os padrões

arquetípicos coletivos, é sempre o primeiro dado psicológico: as imagens são o meio pelo qual toda a experiência se torna possível.

De acordo com Todorov (1975), um fenômeno estranho pode ser explicado de duas maneiras: por meio de causas do tipo natural e do tipo sobrenatural. A possibilidade de hesitar entre as duas maneiras criou o efeito fantástico. Para o autor, o fantástico se fundamenta essencialmente nessa hesitação que pode acontecer seja porque se admite que o acontecimento pertença à realidade, seja porque se decide que é fruto da imaginação ou resultado de uma ilusão, ou, em outros termos, pode-se decidir se o acontecimento é ou não é. Por outro lado, o fantástico exige um certo tipo de leitura na qual o leitor se identifica com a personagem principal, quanto a natureza desse acontecimento estranho. Desta forma, para o autor, o fantástico é a ambiguidade entre a realidade e a imaginação, é não ter certeza sobre se é realidade, ou seja, é a *possibilidade* de ser algo.

Na psicologia analítica, a identificação assinala a capacidade do ego para absorver e unir-se a objetos externos, atitudes e pessoas (STEIN, 2006). Para Todorov (1975), se o herói com quem se identifica for completamente normal, a identificação se torna fácil e assim podemos nos surpreender diante de um acontecimento estranho. Porém, quando a própria personagem se torna fantástica, na identificação o leitor exclui-se a si mesmo do real, e “nossa razão que deveria endireitar o mundo às avessas, levada por este pesadelo, torna-se ela própria fantástica” (p. 182).

Segundo Campos (2011), o contato com o mundo do livro, nos permite a realização de desejos que de outra forma não poderiam ser concretizados. Pois, possibilita ao leitor uma forma de se tornar o personagem, isto é, possibilita tornar o objeto com o qual se identifica. A leitura abre possibilidades para termos outras vidas. Abre a possibilidade para fazermos parte do mundo mágico e do mundo onírico, uma vez que há a quebra com os limites de tempo e espaço.

O presente trabalho pretende explorar este aspecto com relação à leitura, pois, durante a identificação do leitor com o personagem da literatura fantástica, investiga-se a possível elaboração de aspectos da psique inconsciente do leitor evocados pelos conteúdos arquetípicos da saga.

A literatura fantástica e os contos de fadas ou folclóricos, trazem consigo elementos dos mitos transformados e redesenhados ao longo da passagem do tempo. Jung (1978) fala da importância central do *mitologizar*, em psicologia, pois, dá vida animada e personificada às experiências dos arquétipos.

De acordo com Jung (1978), o mito é o degrau intermediável entre o inconsciente e o consciente. O saber do inconsciente é de uma essência particular, que frequentemente não tem nenhuma ligação com o “aqui” e o “agora”, devido ao seu caráter atemporal. Von Franz (1988) relata que quando um conteúdo psíquico, mantido até então inconsciente, inclui-se na visão do ego consciente, este passa a ser visto como parte integrante da própria personalidade, tornando possível a percepção de um novo aspecto. Assim, quando integramos conteúdos inconscientes elaborando-os de forma que conscientemente possamos nos apropriar deles, chamamos este processo de “ampliação” da consciência. Jung se utilizava do método de amplificação como técnica analítica no emprego das mitologias (Boechat, 2008).

Segundo Jung (1991), é a função transcendente da psique que “ajuda a unir a consciência e o inconsciente e, assim, chegar a uma nova atitude”, pois torna possível organicamente a passagem de uma atitude para outra, sem perda do inconsciente.

Esse processo de ampliação da consciência está diretamente ligado ao processo de individuação, pois este acontece em todo ser humano de uma maneira espontânea e inconsciente, porém, só é real se o indivíduo toma consciência dele (VON FRANZ, 1977).

De acordo com a psicologia analítica, o processo de individuação é a trajetória de vida que envolve o enfrentamento da sombra, da persona, do(a) animus/anima, e de todos os arquétipos que estão constelados em nossa psique. Desta forma, o presente trabalho seguirá esta trajetória do processo de individuação, ilustrando-a com a trajetória da personagem principal.

Após a leitura da trilogia *Crônicas do Mundo Emerso*, surgiu o encantamento e interesse sobre aspectos da leitura juvenil e como isso influenciaria os jovens que fizeram destes livros um *best-seller*. Interesse também da autora, em aprofundar o

conceito dos arquétipos presentes neste processo em que os personagens trilham durante a história.

2. BASES BIBLIOGRÁFICAS:

Foi revisada a bibliografia referente ao uso de literatura fantástica em diferentes contextos e seus desdobramentos na prática, e pôde-se perceber uma grande contribuição proporcionada pelas leituras e contação de histórias fantásticas.

A busca por artigos, teses e dissertações, foi por meio dos sites Scielo e Bireme, e na Biblioteca Nadir Gouvea Kfoury do Campus Monte Alegre da PUC-SP.

Foram inseridas como palavras-chave nessa busca: identificação com personagens e literatura fantástica. Dessa forma, foi possível encontrar alguns trabalhos, dos quais foram selecionados quatro, por tratarem de temas que se aproximam à experiência da leitura, seja no ouvir das histórias, experiência com jogos ou filmes, ou análise simbólica da trajetória de um personagem.

Os trabalhos selecionados foram dois artigos e duas dissertações de mestrado.

No estudo relacionado à identificação com o fantástico, os autores Portes e Haig (2013) buscaram entender como os animes influenciam os jovens através de processos narrativos, e análises de envolvimento com textos da televisão e identificação com os personagens da mídia. Na pesquisa, os autores perceberam que os jovens entrevistados demonstraram, em histórias narradas por eles mesmos, arquétipos de inovação e transgressão como o do herói, representados por imagens em animes. Para os autores, esses padrões puderam ser tidos como responsáveis por uma influência na forma como os entrevistados veem o mundo e de como o mundo o vê.

Já o estudo de caso de Fortkamp, Lucas e Silva (2006), buscou observar quais as contribuições da aplicação da biblioterapia em crianças de idade pré-escolar, e realizaram atividades lúdicas que proporcionassem às crianças momentos de lazer e diversão, propiciando a catarse, o estímulo à criatividade, à promoção da leitura, e a possibilidade de contato com diferentes textos que, de acordo com os autores, instigavam o imaginário das crianças. Foram feitos encontros com atividades de contação de histórias relacionadas à literatura infantil. Os autores concluíram que

a biblioterapia pode contribuir para a formação de indivíduos leitores, capazes de modificar o seu contexto e melhorar sua qualidade de vida.

Em sua tese de mestrado, Guimarães (2010), teve como objetivo principal buscar uma compreensão acerca do sentido da vivência dos jogos de *Role Playing Game* (R.P.G.) à luz da teoria junguiana e, como objetivos secundários, relacionar as etapas da jornada do herói de Joseph Campbell (1988) e os relatos dos sujeitos pesquisados a respeito dos jogos de R.P.G., sobre os desdobramentos em suas vidas reais. A autora encontra como resultado que os jogos favorecem a experiência, integração e superação de certa etapa da jornada heroica. Desta forma, os sujeitos respondem a uma necessidade pessoal de desenvolvimento, pois optam por um personagem representativo de ampliação de consciência e fortalecimento egóico, podendo assim, evoluir em seus processos de individuação. A autora então conclui que a escolha e vivência de jogos de R.P.G. permitem o progressivo caminhar rumo a si mesmo, característica esta do processo de individuação que também será explorada neste trabalho.

Oliveira (2007) realizou uma análise simbólica da personagem Buffy em sua dissertação de mestrado. Aproximou a jornada de Buffy ao arquétipo do herói, motivador do processo de desenvolvimento da consciência, compreendendo a personagem como uma imagem contemporânea do arquétipo do herói. Para a autora, transformações intensas foram requisitadas na trajetória de Buffy e compreenderam a formação da persona, a retirada de projeções, a conscientização e integração de aspectos da sombra e do animus.

As pesquisas utilizadas apresentaram uma grande variedade de instrumentos: registro de casos clínicos desenvolvidos em atendimento terapêutico, biblioterapia, dramatização de contos, narração de histórias seguidas da intervenção dos sujeitos nas mesmas ao inventarem um desfecho próprio e criarem um herói através de um roteiro e análise simbólica de personagem, baseada nos conceitos da psicologia analítica.

Estas pesquisas demonstram reflexões dos sujeitos de pesquisa após a intervenção através do uso de histórias, quando utilizadas. Assim, utilização de narrativas como contos e mitos auxiliou os sujeitos a identificar e reconhecer alguns

aspectos da sua própria vida nas histórias, o que facilita a integração desses conteúdos e da percepção dos pacientes em relação a si mesmos.

Esses estudos contribuem para o presente trabalho, no sentido de que dão base para que se possa partir do pressuposto de que na leitura, ou por outras formas de entrar em contato com histórias, é possível a identificação com os personagens que encenam as imagens arquetípicas por parte dos leitores/jogadores.

Também contribuem para compreender a realização de uma análise simbólica da trajetória de um personagem, neste caso, uma heroína. Assim como será feito neste trabalho.

3. CONTRIBUIÇÕES CONCEITUAIS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

3.1 HERÓIS E HEROÍNAS: EM BUSCA DE RENOVAÇÃO

Lá onde esperávamos matar alguém, mataremos a nós mesmos. Onde imaginávamos viajar para longe, iremos ter ao centro da nossa própria existência. E lá, onde pensávamos estar a sós, estaremos na companhia do mundo todo. (CAMPBELL, 1990, p. 137).

Durante o processo de individuação, desenvolvemos muitos aspectos psicológicos em nossas vidas. Porém, a depender do momento da vida em que nos encontramos, determinados aspectos são mais enfatizados que outros.

Também nos desenvolvemos fisicamente e, aproximadamente no final da adolescência, estamos no ápice deste desenvolvimento. Essas maneiras de desenvolvimento, física e psicológica, são influenciadas pelos padrões genéticos que se relacionam com os padrões arquetípicos. De acordo com Stein (2004), é neste momento que o corpo está em melhores condições de realizar as façanhas heroicas exigidas para enfrentar o mundo.

Assim, um determinado conjunto de imagens arquetípicas influencia o comportamento, as motivações, os sentimentos e pensamentos das pessoas a cada etapa de suas vidas. A psicologia analítica divide o período de vida didaticamente em duas partes: a primeira metade e a segunda metade da vida.

Na primeira metade da vida, o ego está surgindo da inconsciência e rumando para o desenvolvimento de suas capacidades. Stein (2004) relata que um ego saudável de uma criança ou pessoa jovem está em um movimento de se distanciar das circunstâncias do nascimento, bem como adquirir autonomia, pensando o mundo do seu jeito individual.

Relacionados a este movimento, os padrões arquetípicos heroicos baseiam a vontade de conquistas e, conseqüentemente, de separação das relações que o indivíduo vinha mantendo com os pais até então, deixando o que lhe é familiar para seguir em aventura pelo desconhecido.

Cada jovem realizará este movimento de acordo com a sua tradição, cultura e influências sociais. Porém, em todas as culturas, ao final da adolescência, o jovem é requisitado para assumir responsabilidades e papéis sociais diferentes dos vividos na infância, muitas vezes marcados por ritos de passagem, como os presentes nas narrativas heroicas.

A imagem do herói pode ser encontrada no processo ao longo da vida, e permite que, neste movimento para a separação, o indivíduo avance para outras etapas de conscientização. Porém, a adolescência é quando existe uma maior necessidade de integração e de unificação da personalidade. É quando o ego é impulsionado pelo instinto de adaptar-se de um modo mais efetivo no mundo.

Assim, nesta primeira metade da vida, o ego tem a tendência de ser unilateral e confiante em suas potencialidades, características do modelo arquetípico do herói. De modo geral, as imagens do herói e da heroína estão presentes em todas as culturas como ideais nesta fase da vida (STEIN, 2004).

A trajetória do herói implica na saída do conforto maternal e infantil, e tomada de atitudes firmes como batalhas em nome do desenvolvimento. Porém, a figura do herói pode ser ativada em outros momentos de nossas vidas, sempre que precisarmos fazer esse movimento de desligamento do mundo conhecido e seguro, para buscarmos a ampliação das nossas potencialidades nos novos caminhos e nos aproximarmos cada vez mais daquilo que realmente somos.

Para Campbell (2007), essa trajetória pode ser dividida em três grandes momentos: a separação, a iniciação e o retorno.

Na fase da separação, o herói recebe um chamado para sair do lugar que viveu até então, para realizar uma tarefa. De modo geral, lhe são apresentados os desafios futuros, seja por um mensageiro, ou porque toma conhecimento da necessidade da tarefa. É muito comum que o herói receba uma ajuda sobrenatural, como um mágico, criaturas da natureza ou um mentor. A aventura geralmente começa de modo efetivo, quando o herói atravessa o primeiro limiar que representa os rituais de passagem para as novas fases de nossas vidas.

A fase da iniciação é marcada pelas provas e obstáculos a serem vencidos no mundo desconhecido. O maior desafio é perceber as suas próprias limitações e aprender com as dificuldades. Desta forma, a consciência pode ser transformada pelas provações, nas quais se deixa de pensar de um certo modo, para compreender outros aspectos, geralmente a partir de um sacrifício. (CAMPBELL, 2000).

Para Jung (1999), esse sacrifício pode ser relacionado com o sacrifício no qual o consciente renuncia à posse e ao poder, a favor do inconsciente. Nessa perspectiva, torna-se possível uma união de opostos.

Nessa fase há o encontro do herói com seu oposto complementar e, após todas as provações, chega o momento em que o herói percebe que ele, o mensageiro, o mentor, a deusa, todos são na realidade partes da mesma totalidade. O herói chega à apoteose da aventura e recebe a sua graça.

Na última etapa, o herói retorna para se reconciliar com seus aspectos mais sombrios pelos quais teve que combater, como uma honrosa e admirável reconciliação dos opostos. Para Campbell (1988), o herói é o homem que realizou a sua própria submissão. Retorna com a sabedoria adquirida para compartilhar com o seu povo, tendo ele mesmo sido símbolo desta sabedoria. Ele então traz e é a transformação e a renovação.

Durante a vida pessoal de cada um de nós, temos nosso próprio desafio de acordo com as especificidades individuais. Ao mesmo tempo, “o ato principal do herói é vencer o monstro da escuridão: a vitória esperada da consciência sobre o inconsciente”. (JUNG, 2011, p. 130).

As lutas com monstros comumente encontradas nas histórias em que os heróis quase não conseguem escapar podem ser a representação da batalha diária que temos de travar com os conteúdos inconscientes estranhos a nós, assim como as tendências regressivas que nos impediriam de realizar nosso trajeto de vida. Nesta batalha, é possível relacionar o herói como símbolo do ego e o monstro correspondente à sombra. Assim, para que a energia psíquica possa continuar a fluir em seu fluxo natural, o herói tem de vencer essa batalha para poder caminhar em direção a si mesmo e realizar seus potenciais.

Assim, o herói parte em busca de sua conquista, desce aos mundos inferiores e derrota os demônios. Porém, o herói precisa retornar para libertar o seu povo, trazer o tesouro, devolver o que lhes foi roubado, pois tanto ele quanto a sociedade precisam da dádiva que ele traz. E é esta volta para casa que oficializa a sua conquista, é a verdadeira meta de sua jornada.

Essa descida aos mundos inferiores representa, então, a descida até as profundezas do inconsciente. Quando vence e retorna, o herói volta transformado. De acordo com Hollis (1997), essa transformação advém de uma experiência de morte e renascimento.

A imagem do herói nos contos, mitos e histórias fantásticas nos inspiram, pois sua base arquetípica se manifesta também no mundo atual, por seu conteúdo ser fonte primária de vida e do pensamento humano ao longo da história da existência da nossa espécie. Porém, cabe a cada um de nós enfrentarmos o próprio chamado e individuar-nos. Campbell (1988) relata que os seguidores de Freud e Jung demonstram que os feitos dos mitos sobrevivem nos tempos modernos. É por este motivo que a imagem e trajetória do herói pode ser persuasiva, nos inspirando e evocando em nós o desejo de admirá-los e imitá-los. Permite que nós possamos olhar para nossas batalhas e limitações pessoais.

Ao longo do tempo, as batalhas e lutas diárias se caracterizaram de acordo com a cultura, e é por isso que, como o título do livro de Campbell bem retrata, a imagem é d'O Herói de Mil Faces, pois, ele segue de acordo com os caminhos do nosso processo de individuação. Por este conteúdo ser arquetípico, a trajetória não nos é totalmente estranha, pois toda a humanidade já percorreu este caminho.

Assim, as tarefas heroicas correspondem às dificuldades que o ego encontra ao se defrontar com o inconsciente. Isso deve acontecer de forma saudável, para que seja possível a assimilação desses elementos antes vistos como sombrios, como partes de si mesmo, possibilitando o indivíduo a ser aquilo que ele realmente é.

A ativação do arquétipo do herói possibilita os processos de renovação e de transformação, ajudando na superação de obstáculos no processo de individuação. De acordo com Noel (1991), o herói pode ser visto como uma figura que

descarta as atitudes unilaterais e racionais, em favor dos muitos outros arquétipos do Self. Essa dinâmica do arquétipo do herói também proporciona ao jovem o contato e ativação dos conteúdos arquetípicos de anima/animus, pois, é neste momento que ele deixa de se relacionar mais no ambiente familiar, e parte para o mundo, aumentando o seu contato com o outro diferente dele e do que ele conhece.

3.2 ANIMA/ANIMUS: CONHECER E RECONHECER ATRAVÉS DO OUTRO

Movido pelas demandas internas de exploração de novas possibilidades, o jovem é impulsionado à exploração do mundo externo. O mundo desconhecido fora dele, evoca a manifestação do conteúdo arquetípico de anima/animus.

Da mesma forma que acontece durante toda a vida com conteúdos arquetípicos específicos de cada fase, a dinâmica da adolescência é articulada principalmente por tensões do arquétipo do herói e de anima/animus. O desejo de crescer, buscar o desconhecido e o medo de perder a segurança do lar: essas tensões geram conflitos e crises que são tão característicos desta fase.

De acordo com Stein (2004), o arquétipo anima/animus é um complexo funcional, porém com o interesse direcionado para a adaptação ao mundo interior. Assim, refere-se à relação do ego com o sujeito, funcionando como uma ponte para o mundo interior, permitindo a experiência das profundidades da psique.

Anima é o aspecto feminino interno de um homem e o animus o masculino interno de uma mulher. Ao atribuir esses termos, a tentativa é de demonstrar que existem diferenças fundamentais, ou seja, arquetípicas, entre homens e mulheres. Porém, Jung afirma que homens e mulheres são ao mesmo tempo masculinos e femininos, com isso, estabelecendo uma diferença entre homem e masculino, assim como uma diferença entre mulher e feminino. Assim, ambos os sexos têm qualidades femininas e masculinas.

Em um desenvolvimento psicológico ideal, o desempenho do ego é facilitado e protegido por essas estruturas, pois existe um acesso constante às energias e inspirações criativas. Ou seja, as adaptações externas e internas estariam adequadas

às solicitações da vida. Mas em um desenvolvimento conflituoso, essas estruturas podem ter um caráter destrutivo, pois seus conteúdos não estariam integrados.

De acordo com Stein (2004), onde anima/animus está exercendo atividade psíquica, queremos avançar, participar, e buscar a aventura. Por conta disso, na adolescência a dinâmica dos arquétipos do herói e de anima/animus está em constante relação e movimento.

Como arquétipo da alteridade/conjugalidade, anima/animus promove relações interpessoais de troca, relações de igualdade e fraternidade entre seus diferentes. O dinamismo de alteridade favorece a convivência com a diferença.

Para Frankel (1998), na adolescência, a psique busca ou providencia ritos de iniciação cuja finalidade é favorecer a passagem para a maturidade. Isso acontece porque o novo e o diferente atraem o adolescente. O outro, como alguém que está fora do círculo familiar habitual, chama a atenção do jovem, que se sente convidado a encontrar-se com o diferente. Sobre o outro, recai então, a projeção do arquétipo anima/animus (alteridade), fortemente constelado nesta etapa da vida.

Esta projeção é sempre um mecanismo inconsciente. Jung fala de um “gancho” existente na pessoa para a qual a nossa projeção é direcionada. Isto porque é bem provável que exista algo nela daquilo que estamos projetando. Porém, aquilo que projetamos no outro é um conteúdo massivamente próprio de nós mesmos. De acordo com Von Franz (1992), a característica projetada no outro é bastante real e pertencente ao próprio indivíduo que projeta, e da qual, porém, não tem consciência.

Movido pela projeção de anima/animus, o jovem é impulsionado para a descoberta de padrões de relacionamento com os outros, com o mundo e consigo mesmo. Neste contexto, de acordo com Penna e Araújo (2010), o símbolo da paixão emerge como síntese possível e necessária nessa situação. O alvo dessa paixão é a projeção dos aspectos de anima/animus que transforma o outro em alguém idealizado.

Com isso, o processo transformador da paixão se realiza com o recolhimento das projeções, os quais, quase sempre, advêm de desilusões e frustrações. Quando

existe a possibilidade de aceitação e tolerância em relação aos aspectos sombrios do outro, existe também um novo relacionamento com os próprios aspectos sombrios. Assim, a ativação do arquétipo anima/animus, especialmente na adolescência, contribui para uma fase de grandes transformações influenciadas também pela ativação do arquétipo do herói que ajuda a superar os obstáculos do processo de desenvolvimento.

4. PRESSUPOSTOS:

- O trabalho será feito a partir do pressuposto de que os adolescentes, na sua leitura, identificam-se com os personagens que encenam as imagens arquetípicas, baseando-se na revisão de literatura realizada.

- A psicologia analítica permite fazer uma leitura simbólica de produções culturais.

Assim sendo, o trabalho terá como objetivo:

5. OBJETIVOS:

Durante o processo de elaboração do presente trabalho, nasceram dois objetivos:

1. Relacionar os conceitos junguianos com a obra “Crônicas do Mundo Emerso” e a trajetória da personagem principal, uma heroína, a fim de fazer uma leitura simbólica desta fantasia que trata de um assunto humano essencial.

2. Compreender como a experiência da leitura e uma possível identificação com a personagem principal pode apresentar-se como possibilidade de ampliação da consciência dos sujeitos leitores em suas vidas reais, ou seja, no seu processo de individuação.

6. MÉTODO

Foram relacionados os conceitos teóricos da abordagem junguiana com a trilogia “Crônica do Mundo Emerso”, de forma a buscar na história situações que ajudem a ilustrar e compreender aspectos da atuação dos arquétipos no processo de individuação.

Foi usada como base a teoria junguiana, dando ênfase aos conceitos dos principais arquétipos que aparecem na trilogia, como por exemplo, arquétipo anima/us e arquétipo do herói. Esses conceitos serão explorados tendo em vista a participação no processo de individuação da personagem principal.

Como objetivo secundário, buscou-se uma compreensão acerca do sentido da vivência na leitura da trilogia, bem como na leitura fantástica em geral, à luz da teoria junguiana. Foi feita uma análise de resenhas e opiniões disponibilizados publicamente na internet por leitores da trilogia que, em uma possível identificação com personagens de histórias, usaram estas informações e vivências em suas vidas reais e nas experiências cotidianas. Este trabalho teve como base, também, as bibliografias citadas acima, que contribuíram para essa compreensão.

6.1 Procedimento, seleção dos sujeitos e critérios de inclusão:

Foram pesquisados em blogs, sites e redes sociais, sujeitos que disponibilizaram publicamente, relatos sobre experiência de leitura e opinião sobre a saga de livros.

Serão sujeitos que disponibilizaram sua opinião de forma anônima ou pública na rede de internet. A flexibilidade com relação à idade e sexo dos sujeitos tem o objetivo de compreender a vivência da leitura e o respectivo sentido atribuído em diferentes experiências, proporcionando uma ampla abordagem e apreensão do fenômeno.

7. ANÁLISE

7.1 INTRODUÇÃO À SAGA

Nihal cresceu com seu pai Livon, um ferreiro famoso por sua competência na produção de ótimas armas, conhecidas não só em sua terra natal, a Terra do Vento, mas também nas terras vizinhas do Mundo Emerso. A menina sempre foi muito astuta e travava lutas com os meninos que eram verdadeiras guerras. Aos poucos se tornou a líder das crianças e todas tinham receio de desafiá-la. Como a deusa grega Atena, Nihal é uma “filha do pai” sem contato com a figura materna.

A Terra do Vento caracteriza-se pela particular arquitetura das suas cidades construídas como imensas torres, muito organizadas e praticamente auto-suficientes. Cada setor do aglomerado urbano tem a sua própria zona central aberta e cultivada. A cidade-torre de Salazar é o posto mais avançado da Terra do Vento antes da Floresta, a espessa mata que serve de fronteira com a Terra dos Rochedos [...]. (TROISI, 2006, p. 1)

Nossa personagem principal destoava dos outros moradores da Terra do Vento. Apesar desta Terra acolher criaturas de todas as espécies como humanos e gnomos, Nihal era a única de cabelos azuis, grandes olhos violetas e orelhas pontudas. Quando questionava seu pai sobre sua estranha aparência, Livon apenas lhe respondia que ela se parecia muito com sua mãe.

Nihal adorava olhar o pôr do sol na fronteira de sua Terra, quando se empoleirava nos telhados das torres. Sentia-se bem lá no alto, apesar da visão da onipresente Grande Torre do Tirano que podia ser vista de todas as Terras. (Figura 1)

[...] Não há um só lugar de onde não se veja a alta torre da Fortaleza, a morada do Tirano. Como sombria e onipresente ameaça, ela domina a vida de todos os habitantes da área. Lembra a todos que não há lugar onde a mão do Tirano não possa alcançar. Apesar disto, o reino do Mundo Emerso continua parcialmente livre. (TROISI, 2006, p. 1)

Em alguns momentos de sua vida, quando estava entre seus devaneios, Nihal era tomada pelo som de vozes. Essas vozes eram lamentos que ela

não conseguia distinguir, mas que ela sabia que suplicavam por algo. Até então, ela não lhes dava muita importância.

Nihal tinha o desejo de se tornar um Cavaleiro de Dragão e lutar contra o Tirano, que destruía as Terras que tomava. Tinha esse desejo mesmo que nunca antes houvesse um Cavaleiro de Dragão mulher. Para tanto, Nihal precisaria ao menos de uma espada, e era nessa empreitada que ela estava empenhada. Sempre que podia pedia para seu pai forjar uma, porém, Livon acreditava que Nihal era muito nova para empunhar. Certo dia ganhou um punhal e fez dele a sua espada, enquanto não era crescida o suficiente para ter a sua própria.

Em um dia como tantos outros, Nihal estava em uma batalha com seus colegas, quando um estranho se aproximou. Ele era alto, mas ainda assim era um “menino magrela”. O menino, chamado Senar, se apresentou e a desafiou em um duelo. O vencedor seria o dono do novo punhal de Nihal. A menina era destemida, e nunca havia perdido uma batalha na vida. Aceitou o desafio. Nihal era muito ágil e realmente sabia esgrimir. Tinha movimentos rápidos, era forte e certa. Porém, não contava com as habilidades do novato, que com magia, transformou seu cajado em cobra. Diante daquele imprevisto assustador, Senar levou a melhor, saindo do duelo como o novo dono do punhal, sumindo para longe da fronteira da Terra do Vento.

Nihal passou a noite remoendo o que havia acontecido. A derrota ainda ardia, mas, sobretudo não se perdoava por ter chorado após a derrota. Tinha vontade de ir atrás do mago. Foi justamente entre um e outro plano de vingança que de repente teve a ideia: era urgente estudar magia.

Nihal era orgulhosa e não admitia perder uma luta (que, aliás, nunca havia acontecido). Disse para seu pai que queria aprender magia, afinal, esta técnica parecia ser útil mesmo para um Cavaleiro de Dragão. Depois de muita insistência, Livon decidiu permitir que Nihal, aos 13 anos de idade, partisse para as margens da Floresta, onde sua irmã e tia de Nihal, Soana, uma maga muito importante morava.

Nessa introdução, já é possível perceber que Nihal possui características que são mais comuns no comportamento masculino, além de conviver unicamente com

colegas meninos. Foi criada pelo pai em meio as armas. Não é presente até a sua adolescência qualquer figura feminina, o que torna o seu desenvolvimento defasado no que diz respeito aos aspectos femininos.

No encontro com alguém que lhe tirou da rotina e a desafiou, Nihal percebe que suas habilidades eram suficientes para lidar com as situações que encontrou até então, porém, entende que precisa desenvolver aspectos que não são baseados na força física para se sentir mais completa e mais forte para combater. Mesmo que esse desejo ainda esteja baseado em orgulho e vingança, Nihal vai em busca de aprender magia.

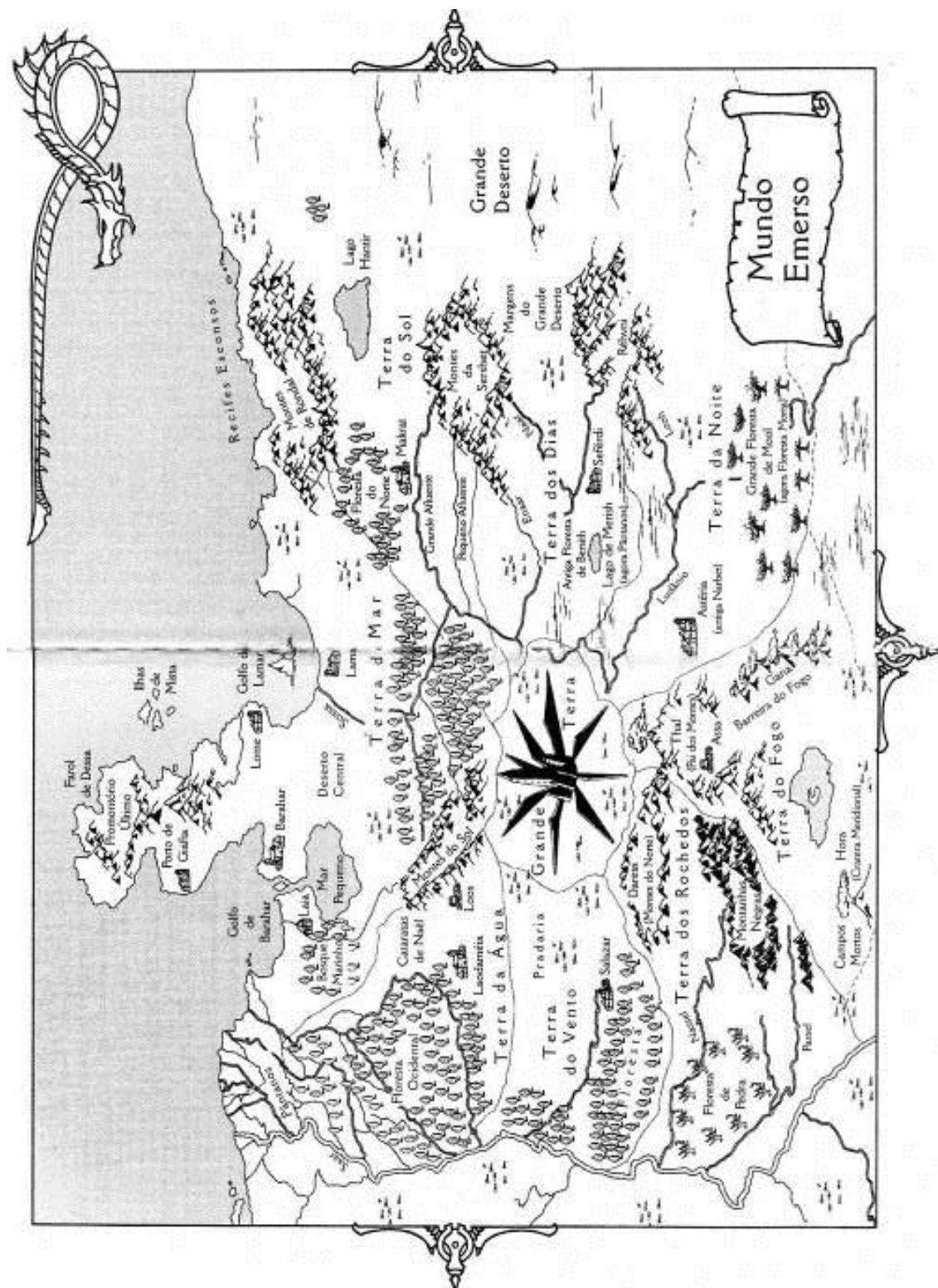


Fig. 1. Mapa Mundo Emerso

Fonte: <http://trollsbbq.blogspot.com.br/2011/09/resenhasresumos-de-livros-menina-da.html>

7.2 A TRAJETÓRIA

O CHAMADO HERÓICO, A AJUDA E O PARTIR

Quando o pôr do sol incendiava como uma fogueira o céu e a estepe, do telhado da torre, Nihal se acalmava e por uns instantes o seu temperamento de guerreiro desaparecia. Nesses momentos, parecia ouvir um murmúrio que se agitava no fundo de sua alma, como o ciciar de uma língua que não conhecia.

No caminho para a Floresta, ao encontro de sua tia Soana, a maga, Nihal ia admirando a natureza. Porém, como sempre quando ficava sozinha, era tomada pela costumeira melancolia, e aquele estranho murmúrio interior voltava a exigir a sua atenção. “Era como se vozes distantes a solicitassem com seus chamados baixinhos” (TROISI, 2006, p. 20).

Assim que chegou à casa de Soana, após a viagem de um longo dia, elas conversaram bastante. Para sua surpresa, lá estava Senar. Este era aprendiz e estava sob a tutela de Soana. Fazia seu treinamento para mago, que de forma geral, dura muitos anos.

Antes de começar o seu treinamento, Nihal teria de certificar se seria capaz de iniciar em magia. Nihal precisaria entrar na Floresta, e no lugar mais profundo e apartado, deveria buscar em si mesma a comunhão com a natureza, sozinha. Para isto, teria dois dias e duas noites. Este tipo de ritual de iniciação está presente em muito povos e tribos.

Esta ideia deixou Nihal totalmente apavorada, mas ela enfrentou o desafio. Assim que chegaram a uma pequena clareira circular margeada por uma nascente de água cristalina, na qual havia um acento de pedra ao centro, Soana a deixou sozinha.

Foi no meio da floresta, quando estava exausta de sono que Nihal teve o seguinte sonho:

“Estava numa terra nunca vista, quanto a isso não tinha dúvidas, mesmo assim, sentia-a como sendo a sua pátria. Encontrava-se numa grande cidade e movia-se com

desenvoltura entre as suas mil ruas. Uma enorme quantidade de pessoas, um contínuo vai e vem, um caótico rumorejar de vozes e indistintos ruídos. Embora estivesse cercada por uma verdadeira multidão, não conseguia distinguir os traços de nenhum rosto. Talvez estivesse em companhia de alguém.

No fundo de uma rua muito larga, podia ver uma torre de cristal, ofuscante na luz matinal. Alta, muito branca, parecia elevar-se até o céu.

De repente as pessoas em torno começaram a gritar.

O calçamento ficou obscurecido por uma imensa mancha negra. Parecia tinta. Olhou melhor. Era sangue. Pardacento, denso, viscoso. Sangue que cobria todas as coisas, tingindo a paisagem e a torre.

Um abismo sem fundo abriu-se aos seus pés e ela começou a cair. Gritou até ficar sem fôlego.

Precipitava-se descontrolada para um fundo que ela sabia não existir, pois aquela queda seria sem fim. Enquanto caía, em sua cabeça ecoava lamentos, gritos, afetivos choros de criança. Vinga-nos! Resgata o nosso povo! Não queria ouvir, mas as vozes perseguiam-na, atormentavam-na. Mata-o! Destrua aquele monstro!

Então, de repente, assim como surgira, a visão de morte dissolveu-se.

Nihal descobriu que estava voando nas asas de um dragão. O vento fazia cócegas em seu rosto, e ela sentia-se livre. Vestia uma armadura negra e usava cabelos muito curtos. Atrás dela estava Senar. Tinha a impressão de tê-lo encontrado de novo após muito tempo e estava feliz, pois de alguma forma existia uma ligação entre eles.

A imagem dissolveu-se em uma claridade ofuscante”.

Podemos fazer a análise desse sonho de Nihal sob três pontos de vista, como sugere Hall (2007): o pessoal, o cultural e o arquetípico. Este olhar permite que entendamos o sonho dentro do contexto de vida da personagem.

Do ponto de vista pessoal, Nihal está passando por um momento de grande transformação em sua vida e sente necessidade de participar da resolução de um conflito que vem assolando a sua realidade e de seu mundo. As vozes que clamam para que ela os vingue, pode ser vista como o chamado heroico para a realização desta tarefa.

Em uma dimensão cultural do sonho, ele revela o caráter conflitivo da sociedade do Mundo Emerso, e de uma maneira prospectiva, anuncia um banho de sangue inundando a cidade. Vale lembrar da semelhança entre o sonho de Nihal e a visão que Jung teve pouco antes da explosão da Primeira Guerra Mundial, em que vê ondas de sangue inundando a Europa. Jung estava em uma viagem e “viu um dilúvio gigantesco [...], com destroços flutuando e a morte de incontáveis milhares”. Essa visão se repetiu, e certa vez também viu um mar de sangue sobre os países nórdicos (JUNG, 2013).

O nível arquetípico do sonho traz a imagem da Torre de Cristal que parecia elevar-se ao céu. Esta torre pode representar o Self. Ainda em uma análise prospectiva do sonho, podemos compreender que o sonho revela a movimentação psíquica da personagem rumo ao processo de individuação, além de mostrar a maneira turbulenta da realização do Si-mesmo que este processo pode representar.

Ao acordar, Nihal estava sozinha e tinha muito medo. Ao final do primeiro dia tentou comer, tentou dormir, mas por estar dominada pelo medo, nada conseguiu. Repetia para si mesma que guerreiros não choram e não têm medo.

A noite já estava escura quando ouviu um barulho. E para sua surpresa Senar desobedeceu Soana e veio lhe fazer companhia e trazer comida. Conversaram e Senar lhe contou sobre a sua vida. Assim, Nihal pegou no sono.

Nihal precisou da ajuda de Senar para alimentar-se no período em que ficou na floresta, pois não conseguiu se nutrir daquilo que a própria natureza dispunha, esta que é tão rica e cheia de alimento. Aqui tem um símbolo bastante significativo. Aparentemente, Nihal não conhece nada a respeito da floresta. Esta fica em lugar

afastado e gera medo. Nihal é uma menina ligada ao pai e chega o momento em que precisa se haver com as questões do mundo natural, uma área materna que é totalmente defasada em seu desenvolvimento psíquico. Soana, a primeira figura feminina que cruza efetivamente sua vida que introduz esta tarefa de encontro com a Grande Mãe, a Mãe Natureza.

Quando acordou no dia seguinte, Senar já não estava mais com ela. Este era o último dia para realizar a tarefa, e ainda não tinha conseguido atingir o objetivo. Olhou em volta e percebeu que a clareira estava cheia de criaturas mais ou menos do tamanho de uma mão. Tinham cabelos multicoloridos e esvoaçavam em volta dela batendo suas frágeis asas iridescentes. Eram duendes. Poucos dos que restaram depois que o Tirano começou a destruir as florestas do Mundo Emerso. Um deles, Phos, começou o diálogo com Nihal.

Apresentaram-se e, após uma conversa, Phos indagou o motivo pelo qual Nihal estava ali, no meio da Floresta. Nihal explica que esta era uma tarefa para entrar em contato com a natureza. Precisava senti-la por dentro, percebê-la com a alma e com o coração.

Phos reuniu todos os seus a sua volta, e Nihal começou a prestar atenção aos sons da natureza. No começo achou que devia ser só impressão dela, mas então a música parecia acompanhar uma melodia própria da natureza. Esta lhe falava com palavras arcanas que Nihal não compreendia, porém, de algum modo conseguia conceber que a natureza lhe dizia que tudo é um e um é tudo. Nihal sentiu-se invadida por uma luz imensa e envolvente calor.

Esta passagem de comunhão com a natureza, com o cosmos, pode ser vista simbolicamente como um momento de transformação. É uma aproximação de uma imagem arquetípica do Self, da totalidade, na qual o ego da personagem não tem o controle sobre essa ação, mas sim, a natureza que chama e evoca a experiência.

Campbell (1988) comenta que quando o herói responde ao chamado, o herói/heroína terá todas as forças do inconsciente ao seu favor, e a própria natureza dá apoio à tarefa. Para o autor, o chamado heroico em geral é caracterizado por um

ritual, um momento de passagem, que propicia a passagem do herói pelo limiar, agora com visão e valores provavelmente modificados e transformados.

O contato com o materno arquetípico, permitiu que ela vivenciasse que é parte da natureza. De acordo com Kast (2011), uma personagem feminina que anteriormente estava extremamente ligada às questões arquetípicas paternas, quando se depara com as questões maternas, pode ter pressentimentos, intuições e sonhos que são frutos do seu íntimo, e que não estão ligadas ao “fazer”, mas no simples vivenciar e esperar.

Quando Nihal abriu os olhos, percebeu que já era noite e que tinha viajado até o coração da natureza durante um dia inteiro. Ou seja, Nihal foi completamente invadida e tomada pela experiência numinosa. Percebeu que os duendes formavam um círculo aos seus pés. Cada um deles irradiava uma tênue luz colorida. No meio deles estava Phos que olhava para ela sorrindo. Aqui, se faz visível a imagem de uma mandala, formada por Nihal no centro, e o círculo de duendes coloridos a sua volta. Símbolo que remete ao Self e denota o caráter de concordância com o processo de individuação da personagem neste momento.

Phos dá de presente para Nihal uma “Lágrima” que se forma da ambrósia líquida que escorre da árvore “O Pai da Floresta”. Quando resignada, parece uma gema branca e no seu interior brilham todas as cores do arco-íris. A Lágrima funciona como um catalisador natural que aumenta e potencializa o poder das magias.

Aqui, a Mãe Natureza dá a filha o que ela necessita, para que ela possa seguir na busca do seu processo de individuação. Esta cena é bastante positiva para o desenvolvimento da personagem principal, pois ela mostra uma confiança no auxílio.

Campbell (1988) ressalta que quando o chamado não é recusado pelo herói, este recebe ajuda de uma figura sobrenatural que frequentemente o presenteia com amuletos.

A partir desse momento Phos e Nihal deram início a uma amizade duradoura, assim como também se iniciou a sua trajetória de aprendizado no Mundo Emerso.

Durante o treinamento com Soana, Nihal e Senar passaram bastante tempo juntos, se tornando amigos. Um ano se passou e Nihal visitava seu pai de tempos em tempos, até que certa vez, pediu novamente por uma espada.

Quando se ausentou de casa para os treinamentos, deixou de presente para seu pai a Lágrima. Livon queria demonstrar para Nihal que estava disposto a deixá-la crescer, e decidiu forjar-lhe uma espada. Fez para Nihal uma espada de cristal negro, o material mais duro existente no Mundo Emerso. O cabo da espada era esculpido na forma de um dragão, cuja cabeça era branca reluzente: a Lágrima. A espada tornou-se sua companheira inseparável e, no ano que se seguiu, Nihal dividia seu tempo entre o treinamento de magia e de luta.

Certo dia, Nihal estava com Senar no telhado de uma das torres da Terra do vento, quando começou a lhe contar sobre as vozes e lamentos que ouvia. Senar não pareceu dar muita atenção para este fato. Foi quando tudo começou. No horizonte uma grande mancha negra tomava conta da planície. Era o numeroso exército do Tirano invadindo a Terra do Vento. Durante a invasão, todos começaram a fugir, mas a cidade estava cercada. As torres foram incendiadas e houve muita violência. Nihal correu até Livon que estava lutando com vários *fâmins* (criaturas geneticamente modificadas, que parecem monstros e compõem o exército do Tirano). Os *fâmins* quando viram Nihal, uma criatura de cabelos azuis e orelhas pontudas gritaram: “*semi-elfo!*” e a atacaram. A garota conseguiu matá-los com sua espada, mas não conseguiu salvar seu pai. Fugiu muito ferida e foi encontrada por Senar na margem do rio.

Nihal é uma filha muito ligada ao pai, desta forma, simbolicamente, é necessário que ela se liberte e faça a saída de casa para se relacionar com o outro, principalmente, outro homem. Este é um passo necessário para o desenvolvimento do jovem, permitindo que ele não permaneça estagnado e preso ao complexo do pai, buscando a independência e assim possibilitando o conhecimento sobre si mesma. Esta passagem mostra que o conflito é necessário para que haja uma libertação. Essa relação familiar, de certa forma se projeta no contexto social da história, no qual uma guerra (conflito) se mostra iminente em busca de uma libertação do povo. A morte de Livon marca definitivamente a saída de Nihal de sua casa.

Quando chegaram até a casa de Soana, Nihal estava tomada por raiva e tristeza. Não quis mais prolongar qualquer assunto sobre sua saúde, e exigiu que Soana lhe contasse sobre quem ela era, e o que eram os semi-elfos.

Soana conta a Nihal, que ela foi encontrada em uma aldeia de semi-elfos da Terra do Mar, espécie que foi dizimada pelo exército do Tirano, sendo ela, a última sobrevivente. Mas, qual seria o motivo de o Tirano ter tentando extinguir a espécie de semi-elfos?

Para Campbell (1988), o herói sempre sofre uma tendência ao extraordinário desde o dia em que nasceu. A vida do herói é apresentada com vários fatos prodigiosos e o ápice é o da sua aventura. Isto acontece porque a condição do herói, em geral, é de predestinado, como será melhor aprofundando ao longo desta análise.

Assim que Nihal se recuperou dos ferimentos, eles viajaram para a Terra da Água, que ainda era uma das Terras livres. Já na Terra da Água, Soana viaja em busca de Reis, maga que lhe ensinou tudo o que sabe, em busca de ajuda para a guerra. Nihal fica com Senar e Fen, Cavaleiro de Dragão e parceiro de Soana. Nihal se apaixona por Fen que não retribui o sentimento.

Nihal comunica a Senar e Fen que deseja se tornar Cavaleiro de Dragão, e ambos acreditam que isso é um sonho inalcançável, tanto pelo motivo de haver poucos Cavaleiros, pois o treinamento é muito rigoroso, quanto por Nihal ser uma garota, agora com dezesseis anos. Fen parte para a Terra do Sol com objetivo de se reunir com o Conselho, acompanhado por Senar e Nihal.

Senar aproveita que está na maior Terra do Mundo Emerso para aprofundar seus estudos na biblioteca e reunir-se com o Conselho dos Magos e Fen aceita apresentar Nihal à Academia.

Nihal não é aceita pelo Supremo General e fica furiosa. Sobe no topo de uma grande estátua de pedra e ninguém consegue tirá-la de lá. A garota passa um dia e uma noite lá no alto se esquivando de todos os ataques dos guardas, até que o Supremo General retorna e lhe diz que a aceitará se ela sobreviver na arena a dez dos seus melhores alunos.

Nihal luta com os dez guerreiros e depois de muito esforço os vence. É aceita na academia, mas sofre muito com maus tratos dos colegas e dos superiores. Sentia falta de Senar que a visitava com pouca frequência por estar muito ocupado com os assuntos da guerra.

Enquanto o tempo passava, Nihal continuava a ouvir as vozes, e aos poucos compreendia que eles clamavam por vingança. Nihal pensava no seu povo e não conseguia mais ignorar esse pedido. A garota ansiava pela batalha a cada dia mais, e sempre que os recrutas iam para as áreas desoladas pelo Tirano, Nihal pensava: *“Enche teus olhos com este horror, e lembra-te dele quando estiveres em combate”*. Ela era vingativa e quando encontrava um grupo de fâmins, matava como uma máquina. Não pensava, só queria ver o sangue derramado.

Nihal fala... *“Para completar o meu adestramento, fui confiada a Ido, o único representante do povo dos gnomos na Ordem dos Cavaleiros de Dragão. Ele acabou insinuando uma dúvida na minha mente: aquilo que eu estava fazendo era realmente justo? É correto lutar apenas por vingança? [...] Finalmente recebi o meu dragão, Oarf”*.

A guerra seguia cada vez mais sangrenta. Nihal se torna Cavaleiro de Dragão e Senar, Conselheiro dos Magos. Após um ano, Soana retorna do encontro com a sua antiga mestra, seu nome é Reis, e informa que a maga queria vê-la. Também adverte que Reis não é mais a mesma, pois existe muita maldade em seus olhos.

Senar e Nihal voam em Oarf por toda a Grande Terra até Reis.



Fig. 2. Nihal e Oarf

Fonte: <http://reacoesadversas.files.wordpress.com/2011/01/nihal22.jpg>

A TRAVESSIA DO LIMIAR

Voaram por três dias, até que chegaram a cataratas envoltas por uma grande nuvem de água e um grande arco-íris. Levaram mais um dia sobrevoando o local para tentar encontrar uma abertura para a casa de Reis, até que Nihal decidiu atravessar as águas. Aqui, pode ser feita a analogia de que Nihal toma a decisão, que é a necessária, de atravessar o limiar para mergulhar nas águas do inconsciente. Depois de ultrapassar barreiras de águas congelantes, penhascos e caminhos tortuosos em plena escuridão, chegaram a uma ala, onde foram tomados pelos cheiros de ervas, fumaça e papéis gastos pelo tempo.

Este foi apenas o primeiro limiar que Nihal teve de atravessar para cumprir todas as suas provas e obstáculos.

A INICIAÇÃO (PROVAS E OBSTÁCULOS)

“Sheireen... finalmente você chegou, Sheireen...” Foi assim que Nihal foi recebida por Reis. Mesmo Nihal explicando que seu nome não era esse, Reis diz que este é seu verdadeiro nome: *“Sheireen, a Consagrada, a última dos semi-elfos, única esperança desse mundo”*.

Reis conta para Nihal que, quando o exército do Tirano espalhou a morte na aldeia dos semi-elfos, a mãe de Nihal rezou ao deus Shevvar, pedindo que seu marido sobrevivesse, e se isso acontecesse, consagraria o fruto de seu ventre a Shevvar, o deus do Fogo e da Guerra. Assim aconteceu: nasceu Sheireen, e seus pais decidiram que ela seria dedicada à espada e à batalha, para louvar Shevvar e vingar os mortos de sua Terra.

A maga entregou a Nihal um medalhão circular no qual sobressaía ao meio um olho alongado, cuja íris era formada por uma pedra iridescente de reflexos brancos. Em volta da pedra, haviam oito espaços vazios que deveriam abrigar outras pedras. Reis explica que cada uma das oito Terras do Mundo Emerso possui um santuário dedicado a um dos oito espíritos da natureza (Água, Luz, Mar, Tempo, Fogo, Terra, Escuridão e Ar) e que cada santuário guarda uma pedra. Explica que se o coração do

postulante que visita o santuário for sincero, a pedra seria carregada e o poder era concedido.

Se existir uma ameaça ou perigo, é possível pedir aos espíritos invocando-os ao mesmo tempo, e para isso, deve-se juntar as oito pedras e coloca-las no amuleto. Só quem possui sangue de Elfos poderia usar o amuleto. Assim, Nihal é a última que poderia usar o amuleto para salvar o Mundo Emerso das mãos do Tirano.

Após refletir sobre toda a desolação que se espalhava no Mundo Emerso e as tentativas inúteis dos exércitos das Terras Livres, Nihal toma sua decisão: “Não há outro jeito, o caminho já está traçado. Só precisa segui-lo”. Aqui, Reis representa a velha sábia, que traz a velha sabedoria da própria alma.

Todos os santuários que encontraram durante a rota entre as terras do Mundo Emerso apresentaram perigos mortais, dilemas quase insolúveis e exigiram o esgotamento físico.

Começaram pela Terra do Mar. Lá em uma ilha distante, combateram com um monstro de dez cabeças e infinitos tentáculos. Após vencer a besta, precisaram convencer Ael, o guardião, a oferecer o poder de sua gema azul ao talismã de Nihal. Assim que a conquistou, levantou-a e pronunciou a fórmula ritual: “*Rahhavni sektar aleero*”. Seguiram por todas as terras e anos se passaram com muito sofrimento e lutas.

Na Terra dos Rochedos, foram atacados por um grupo de fâmins, e Senar escapou gravemente ferido, porém, teve de ser deixado para trás. Não aguentaria mais viajar e implorou para que Nihal o abandonasse. Mais um ano se passou e Nihal continuava seu caminho, agora sem Senar. Quando finalmente chegou na última Terra – a da Água -, esperava encontrar Senar, mas ele não estava lá. Havia sido capturado pelo Tirano.

As tropas foram organizadas a marchar para um único destino. Nihal reuniu seu ódio para o treinamento de mais duas semanas até seguir rumo a sua última batalha: o encontro com Tirano.

ENCONTRO COM O OPOSTO COMPLEMENTAR

Trezentos anos atrás o Mundo Emerso foi conturbado por um conflito interminável que as oito Terras deflagraram umas contra as outras pelo predomínio absoluto: A Guerra dos Duzentos Anos.

Naquele tempo a Terra dos Dias era habitada por semi-elfos, descendentes da fusão entre os elfos – os antigos moradores do Mundo Emerso – e os humanos. Eram um povo pacífico, dedicado à ciência e à sabedoria, e durante muitos anos não participou das hostilidades. Mesmo assim, devido a sua agilidade, os semi-elfos eram particularmente dotados para as artes do combate. Leven, o seu rei mais ambicioso, decidiu expandir o seu domínio pondo em prática essas aptidões.

Os semi-elfos já não lutavam havia muitos séculos, mas o soberano era um estrategista extraordinário: dentro em breve o seu exército tornou-se o mais poderoso do Mundo Emerso e derrotou todas as outras Terras. Leven, no entanto, não chegou a aproveitar o seu poder: De fato morreu logo após a vitória final, deixando o novo reino ao filho Nâmen.

Depois da coroação, Nâmen convocou os monarcas do Mundo Emerso. Os reis vencidos apresentaram-se diante dele conformados a obedecer, mas o jovem rei surpreendeu-os.

- Não quero o poder que meu pai construiu com sangue – disse. – As oito Terras voltarão a ser livres. – e então ditou as condições.

Cada Terra deverá desistir de um território, cuja união faria surgir a Grande Terra. Ali ficaria a sede dos Conselhos dos Reis, que estabeleceria a política comum do Mundo Emerso, e do Conselho dos Magos, que se encarregaria da vida científica e cultural. Os dois Conselhos abrigariam os representantes de todas as Terras, cada uma das quais iria contribuir para o exército do Mundo Emerso. Nâmen exonerou então os reis que naquela época ocupavam o cargo, para que cada povo escolhesse o próprio monarca.

Todos os seus desejos foram realizados. (ANÔNIMO, da Biblioteca Perdida da cidade de Enawar, fragmento, apud, TROISI, 2006, p. 207)

Na Grande Terra, Nihal e Oarf invadiram a fortaleza do Tirano arrebatando os portões enquanto a guerra desenrolada nos campos desertificados. Enfrentou muitos soldados até chegar finalmente à sala do Tirano.

Deparou-se com um menino de grande beleza. Seu cabelo era de um azul profundo e duas orelhas pontudas sobressaíam aos lados da coroa. Nihal se sentiu horrorizada ao encontrar um semi-elfo, alguém igual a ela.

Quando insultado por Nihal, o Tirano lhe diz que não entende como uma pessoa que só sabe brandir uma espada e espalhar a morte por onde passa, possa lhe chamar de monstro. Afinal, além da aparência, eles não eram tão diferentes quando a questão era causar dor e sofrimento. O Tirano avançou em Nihal que cravou a espada em seu ventre.

De acordo com Campbell (1988), a figura do “Tirano” é familiar às mitologias e suas características são bem parecidas em todas. É uma figura egoísta e seu “ego inflado é a maldição para ele mesmo e para seu mundo”.

Aqui, Nihal tem de se haver definitivamente com esses aspectos que vem tentando negligenciar durante sua trajetória. Precisa compreender de que maneira quer atuar no mundo, qual a medida da justiça e por quais motivos lutar. Nihal vence o conflito de maneira consciente. Descobre por qual caminho quer seguir.

Ao encontrar com Senar, este já estava quase morto, pois foi torturado e seus ferimentos não foram tratados. O castelo iria desmoronar a qualquer momento em consequência da guerra que acontecia do lado de fora. Nihal toma sua decisão: *“Se pelo menos Senar pudesse salvar-se e viver para nós dois... Não posso salvar o mundo, mas posso salvar uma vida”*.

Estava com medo de morrer, logo agora que tinha aprendido a viver, mas encarou seu destino. Nihal recitou o encantamento que Reis a havia ensinado, e o

medalhão sugou sua vitalidade, transferindo-a para Senar. “Enquanto a vida fugia dela, as asas negras que tinha nas costas desfraldavam-se ao vento”.

Ela também está consciente da decisão que tomou em prol do parceiro, ela o libertou. Não somente a ele, mas a si mesma, para se desvencilhar de toda a profecia que não a deixava viver de maneira autônoma. Ela seguiu o caminho da sua libertação das exigências sociais. Assim, podendo seguir as exigências do seu próprio caminho para a individuação.

O RETORNO

Por vários dias acharam que Nihal estava morta e Senar enlouquecido. Aos poucos Senar pode recobrar a sua vida, mas sua perna ficou inerte e sem vida.

Durante os costumes fúnebres, Phos recostou o queixo em Nihal e disse: *Então, Nihal, acabou se rendendo? O Pai da Floresta tomou uma decisão: quer ser seu pai, quer doar-lhe a sua seiva vital [...] não vai ser fácil. A vida é uma das dádivas mais lindas e terríveis que alguém possa receber, porque é ao mesmo tempo um honra e um ônus.* (TROISI, 2007, p. 413)

Nihal recobrou-se completamente.

Nesta passagem em que Nihal “morre”, podemos entender que a personagem fez um profundo e longo mergulho às profundezas do seu inconsciente. Foi um longa jornada em que precisou forçar-se a descartar as atitudes unilaterais e racionais, em favor dos muitos outros arquétipos de um Self. Novamente, precisou de ajuda para retomar a consciência que exige esforço para manter-se ativa e direcionada de volta às questões do cotidiano.

Voltou uma nova e transformada Nihal. Recusou o título de Supremo General. Aqui, ela também está disposta a renunciar todo o orgulho do título que sempre fora um fascínio em sua vida, e para a filha de um pai, isto é muito.

Nunca esquecerá a dor e a tortura, mas para ela “talvez desse sofrimento todo possa nascer alguma coisa boa. E afinal estamos juntos: já é alguma coisa, não acha?”. Sorriu e abraçou Senar.

7.3 DESENVOLVIMENTO DE NOVAS HABILIDADES E QUALIDADES

CONTATO COM A SOMBRA E CONFRONTO COM A PERSONA

De acordo com Von Franz (1990), a sombra feminina raramente aparece nos contos porque, de maneira geral, as mulheres não estão tão separadas de suas sombras. Nihal não é uma heroína que só possui qualidades e bons valores. Ela tem defeitos, é orgulhosa, vingativa e paga até as últimas consequências o preço de suas ambições. Não é uma personagem ajustada a sociedade, pelo contrário, é desadaptada, solitária, uma estranha em todos os contextos em que se insere.

Na noite em que Nihal retornou a Terra do Vento e a viu desolada, teve certeza de que se tornaria um guerreiro. Pegou a espada e cortou seus enormes cabelos azuis que desciam como rios pelas suas costas. Quando se olhou no espelho, reparou nos seus olhos, e pensou que nunca havia prestado atenção em como eles eram bonitos. Mas disse para si mesma: *“Ora, Nihal. Vamos parar com essa vaidade”*.

Essa passagem mostra como está bastante alheia à personagem até esta parte da história, toda a vaidade feminina, aspecto este que é automaticamente rejeitado e colocado de lado em sua sombra. Porém, já mostra indícios de se manifestar em direção ao equilíbrio desta psique.

Nihal lutava cega de vingança, e por ser muito impulsiva e feroz, acaba não seguindo o planejamento das tropas e se fere gravemente. O gnomo Ido, seu mestre, obriga Nihal a tirar uma licença para refletir se ela realmente quer lutar se apoiando somente em seu desejo de vingança, e não de justiça. A moça decide se afastar e parte sem rumo. Por estar debilitada, é ferida por lobos. Um menino, Jona, a encontra e a leva para casa. A mãe de Jona, Elêusi, cuida de Nihal, e se surpreende por encontrar uma jovem garota por debaixo daquelas armaduras. Nihal se sente agradecida e começa a ajudar os dois nos afazeres cotidianos até estar recuperada. Passa três meses nesta família, e se questiona sobre qual rumo quer para sua vida. Será que uma vida normal, com alguém da aldeia não seria um destino mais fácil?

Na casa de Elêusi, Nihal lhe pede emprestado um vestido, o que surpreende a mulher. Quando vê sua imagem no espelho, vestida de mulher, sente-se estranha e

não sabe se gosta ou não do que vê. Depois deste dia passou a se olhar muito mais vezes no espelho e não entendia muito bem até que ponto podia ser feminina. Nihal começou a gostar de se portar de forma feminina nos meses que se passaram. Pela primeira vez, Nihal se sentiu protegida entre quatro paredes.

Nihal passou a infância e início da adolescência rejeitando certos conteúdos, pois estes não tinham ambiente propício para serem desenvolvidos e experienciados. Foi criada pelo pai em meio às armas e foi este papel que Nihal veio desenvolvendo até então. Em alguns momentos da trilogia, Nihal se confronta com seus aspectos sombrios, como as questões da feminilidade. Mas, este não é o ápice do desenvolvimento da sua trajetória nesse momento, já que isso acontece com maior intensidade a partir da segunda metade da vida.

Porém, nessa passagem em que passa um tempo na aldeia com Elêusi e seu filho Jona, algumas dessas questões de confronto com a sombra começam a surgir. De acordo com Bly (1991), a sombra produz tensões que possibilitam a conscientização: “o cor de rosa que colide com o vermelho, porque são muito próximos”.

Além disso, o papel que Nihal vinha desempenhando já não é mais adequado aos obstáculos que ela encontra na sua trajetória. O dilema de Nihal com a sua vestimenta, ilustra bem sua dificuldade em lidar com a persona que desenvolveu. Para Whitmont (1990), as vestimentas que usamos têm de ser somente uma proteção (armadura), mas devemos poder trocá-la e vestir outras coisas mais apropriadas em outros contextos. No encontro com Elêusi, outra figura feminina, Nihal consegue entrar em contato com essa questão e refletir sobre ela.

Certa vez, quando Nihal voltava de cortar lenha, encontrou dois homens que haviam invadido a casa de Elêusi, e estavam os intimidando e saqueando. Assim que viram Nihal, tentaram se aproveitar da mocinha. Nihal empunhou a espada e transpassou o corpo do primeiro homem. Ia matar o segundo, quando permitiu que ele fugisse. Jonas e sua mãe estavam aterrorizados. Nihal percebeu que não lutava por vingança, e que poderia aprender a lidar com os seus impulsos.

Nihal decide voltar para a Guerra, e aprender a lutar por ideais diferentes. Foi uma separação difícil, e a garota sentiu como se tivesse aprendido uma grande lição.

Mesmo que Nihal tenha escolhido a Guerra e a Armadura, ela volta para essa realidade, sabendo que pode “vestir” outras roupas, e começa a ver outro sentido na luta e no uso dos seus instrumentos.

Enquanto Nihal estava na Guerra e Senar viajava para buscar auxílio em outras Terras, ficaram por quase um ano sem se ver. Até que Senar manda uma mensagem por meio de magia para Nihal, dizendo-lhe para o encontrar na fronteira da Terra do Vento dali três dias. Nihal não sabe se deve vestir um vestido, ou a armadura para encontrar Senar. Depois de muito pensar, Nihal decide ir de armadura. Aqui fica clara a rigidez em relação ao mundo, e o conflito em como Nihal deseja se apresentar para Senar: como um guerreiro, ou como uma mulher?

Quando chega o dia, Nihal fica se perguntando se Senar iria gostar da mulher em que ela estava se transformando. Pensa se ele havia se encontrado com muitas mulheres, mas sempre acaba se censurando por pensar nessas coisas. Quando finalmente se encontraram, correram em direção um do outro, e naquele momento, já estava claro para os dois, que um era a pessoa mais importante da vida do outro.

ENCONTRO AMOROSO E ALTERIDADE

Quando falamos de Encontro Amoroso, ou encontro com o Outro, estamos falando das funções do arquétipo anima/us. Nihal é bastante identificada com sua imagem de animus. As opiniões de seu animus denotam uma qualidade desagradável e destruidora. De acordo com Sanford (1987), o animus é capaz de roubar a criatividade da mulher. Mas, bem cedo em sua vida, Nihal já percebe sua rigidez nas relações interpessoais, e percebe imediatamente que precisa explorar esse aspecto que lhe falta. Isso pode ser comparado com a necessidade e vontade que Nihal sente de aprender magia, algo que remete a criatividade, ao irracional, ao plano abstrato que se distancia do plano físico e concreto. E, ao longo da saga, é o aprendizado e uso da magia que está sempre concomitante com o desenvolvimento de uma relação com Senar.

Podemos fazer um paralelo da relação de Nihal com seu animus, e a atitude que ela tem na vida e na Guerra. Enquanto sua relação com seu animus era negativa, Nihal agia de maneira destrutiva, julgadora e vingativa. Sanford (1987), diz que frequentemente, o animus é notado como uma voz dentro da mulher. As vozes que Nihal escuta, clamam por vingança e destruição. A partir do momento em que seu relacionamento com Senar cresce, ele colabora para a transformação da atitude de Nihal em relação à vida e seus motivos de guerrear.

Porém, a primeira pessoa por quem Nihal se apaixona é Fen, namorado de sua tia Soana e Cavaleiro de Dragão. Fen carregava uma clara projeção de Nihal, pois era tudo aquilo que ela mais admirava na vida. Com relação a esse tipo de atração, Von Franz (1972) diz que quando há uma quantidade de energia criativa em nós que transborda a vida familiar e afetiva, é comum que ela seja projetada no sexo oposto, levando à fascinação. Neste momento, se faz necessária uma reflexão pessoal para compreender se esse seria um relacionamento saudável, ou se a outra pessoa é somente uma válvula de escape para onde se projeta os “poderes criativos”.

Quando Senar se feriu gravemente enquanto buscavam as gemas para preencher o medalhão, sentia que estava à beira da morte e decide contar para Nihal que a amava e sempre amou. Nihal sentiu como se a verdade tivesse surgido diante dela com muita clareza, e percebeu que também amava Senar. Nihal sentiu que pela primeira vez estava completa.

Nihal leva Senar para dentro de um túnel, e passa uma noite toda evocando feitiços de cura, que não são tão eficazes, pois ela também está no seu esgotamento físico. Em certo momento, saiu do esconderijo para buscar água e ervas medicinais nos arredores.

Aqui, a filha que foi moldada por um complexo paterno consegue tomar as decisões sobre aquilo que deve ser feito, e vai procurar as ervas. Porém, ela está em comunhão com a mãe terra, a quem pede auxílio. Esta mãe é doadora de vida e não destrutiva e envenenadora. Nihal pode vivenciar a experiência da mulher que pode curar. Nesse relação de cuidado, o relacionamento entre os dois se torna concreto. Senar não corresponderia a uma imagem, ele é real e possui conteúdos desconhecidos que ela pode passar a conhecer e vivenciar.

Depois de dois dias, Senar ainda não conseguia caminhar, e não se sentia bem. Nihal declara seus sentimentos a Senar e eles se beijam. Nihal sente que o que estava acontecendo “era novo e desconhecido, mas ao mesmo tempo antigo e conhecido”. A garota pela primeira vez se sentiu única e completa, sentindo que sua procura chegara ao fim.

Mais dois dias se passaram e Senar não dava sinais de melhora. Ele insiste que Nihal vá continuar sua busca e o abandone para salvar o Mundo Emerso. Ela já havia se separado de seu pai, mesmo que esta não fosse uma decisão consciente. Essa primeira separação, propiciou que Nihal pudesse se ligar em uma relação com Senar, assim como ligar-se de outra maneira ao seu animus. Esse paterno por muito tempo remeteu a segurança, de forma que na separação, Nihal tem de se haver com a insegurança de também perder Senar.

Para Kast (2011), primeiramente nos separamos, seja voluntária ou involuntariamente, e então ocorre novamente um tipo de aproximação, surgindo muitas vezes uma união ainda maior. Isto intensifica os conflitos que remetem a primeira separação, e, de acordo com a autora, desta segunda vez separamo-nos mais consciente e com mais clareza. Muito provavelmente, se houve sentimento de culpa em relação ao “desejo” da morte do pai, também sentira culpa diante da separação com o parceiro. Esta culpa deve estar a serviço do desenvolvimento revelando que as pessoas têm de ser autônomas nas escolhas.

Deixar Senar para trás foi a decisão mais difícil que teve de tomar em sua vida.

Ao longo da saga, de forma geral, o relacionamento com Senar e a libertação mútua que aconteceu entre eles, permitiu que Nihal conseguisse ser fiel ao seu processo de individuação, e combater com os aspectos mais sombrios de sua personalidade.

CONTATO COM O SELF E PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO

O início da trajetória a ser seguida por Nihal foi aquela tarefa dada por sua tia Soana, assim que começou a se interessar por magia. A tarefa consistia em entrar em contato com a natureza por si mesma, e senti-la com a alma e o coração. Durante

esta tarefa, na qual recebeu a ajuda do duente Phos, Nihal sentiu como se seu coração não pudesse conter toda aquela beleza sobre humana e teve medo de perder-se. Porém, sentiu como se braços maternos a afagassem, a confortassem, ensinando-lhe que mesmo no esplendor da beleza, cada um guarda a própria identidade apesar de participar de um todo indivisível.

Pareceu-lhe ser grama, flor que espreguiçava suas pétalas delicadas ao toque dos primeiros raios de sol. E então árvore, sentiu a ramagem alcançar o céu e esticar as folhas no sopro dos ventos. Foi fruto e foi pássaro, peixe e animal. E finalmente terra nua, da qual toda semente recebe a vida e onde todo ser se origina. De uma hora para outra pareceu-lhe ter compreendido o sentido da existência. Sentiu-se velha, com mil anos, e sábia. Sentiu ter nascido, vivido e morrido milhares de vezes em cada um dos seres que haviam pisado no Mundo Emerso. Sentiu que a vida jamais iria acabar. (TROISI, 2006, p. 54)

As últimas palavras de Phos para Nihal foram: “é através da morte da semente que nasce a árvore”. Para Campbell (1988), todas as coisas respondem a este processo de ascender e retornar. Este é o caminho para conhecer a eternidade e iluminar-se. Nesse sentido, Nihal se torna uma lenda viva, e sua história perdurará pela eternidade como grande heroína que salvou o Mundo Emerso das mãos do Tirano.

7.4 EXPERIÊNCIA DA LEITURA

POR QUE A LITERATURA FANTÁSTICA?

Mitos, contos, lendas, poemas e romances dão a ilusão de que o próprio tempo poderia ser capturado na trama das palavras. No final das contas, é uma conjuração da morte que a literatura autoriza: as histórias transmitidas nos inscrevem em um infinito que reivindicamos. (PETIT, 2010, p. 290)

Todos nós em algum momento de nossas vidas sentimos a necessidade de encontrar mediações ficcionais e simbólicas. A literatura, assim como a cultura e arte nos permite entrar em contato com o que não havíamos entrado antes e até simbolizar nossas experiências já vividas. De acordo com Petit (2010), a literatura, particularmente, fornece um suporte para despertar a interioridade, relançar a atividade de simbolização e de construção de sentido. Ao longo de seu livro “A arte de ler”, a autora exemplifica casos de meninas e meninos que, a partir de relatos, leituras, metáforas poéticas, passam a se tornar narradores de sua própria história.

Isso parece acontecer porque as obras de literatura fantástica nos fazem, por vezes, sentir o que ainda não havia sido experimentado, criando imagens que a partir deste momento se relacionam com a nossa vida pessoal. Assim, a metáfora permite dar sentido e transformar experiências na elaboração. Ou seja, podemos criar pensamentos e construir sentido àquilo que ainda não havia sido tocado em nós.

Fernandez (2006) relata que na Argentina, em uma oficina de leitura com jovens infratores, a rejeição aos textos realistas foi clara. Os jovens interrompiam as leituras: “O realismo já compreendi o que é, e não me agrada. Mas o fantástico? Não é a mesma coisa que o maravilhoso?”. A rejeição à leitura realista parece acontecer por esta não permitir qualquer distanciamento.

Petit (2010) também conta que suas pesquisas encontram inúmeros relatos em diferentes pontos do mundo em que, a leitura de um conto, lenda, poema ou livro, podia permitir às pessoas falar as coisas de outra maneira, ou com certa distância dos fatos concretos de suas vidas (principalmente aqueles que viviam em guerra ou situação de conflito). Dentre esses relatos, as lendas ou poemas indígenas, por

exemplo, ofereciam uma encenação distante no tempo e espaço de suas próprias provas. Assim, permitiam um movimento ativo de apropriação e de dar forma ao que lhes atormentava, abrindo a possibilidade de simbolização. Desta forma, a metáfora ou a fantasia cria uma “distância protetora” que permite evocar a sua própria história.

MOMENTOS DE CRISE

A linguagem pode encontrar na travessia do livro o meio para falar daquilo que geralmente nos escapa. (BAYARD, 2007, p. 153)

Como já foi discutido, a adolescência é um período de conflito. Um período em que o adolescente está em transição, mas a sensação é de que o mundo já tem muita experiência, os livros já foram escritos, as coisas já foram inventadas, e sempre está sendo mostrado para o jovem que ele tem pouca experiência sobre a vida, portanto, não pode saber das coisas tão bem assim. Para se encaixar, ele terá de movimentar aquilo que está estabelecido, o que nem sempre é bem aceito, mas necessário.

A leitura permite a movimentação do pensamento, a atividade de simbolização e de construção de sentido por meio da narrativa. De acordo com o que Petit (2010) relata ter observado em seus estudos, mesmo os textos lidos na solidão, ajudam a despertar em uma pessoa regiões silenciadas, possibilitando a transformação através da simbolização. Em um hospital de Bogotá, por exemplo, a mediadora de leitura Paola Roa propõe atividades para jovens em que um clube de leitores é organizado. Ela conta que os jovens passaram a falar da própria vida de uma outra forma. Uma dos jovens, Laura, conta: “Quando recorremos aos textos, talvez o que procuramos seja algo de desconhecido que se apresenta para nós como uma ponte entre coisas escondidas”.

As histórias lidas possibilitam um caminho em direção a si mesmo, aos territórios inexplorados, das emoções, tristezas e dor, que assim podem ser tocadas e pensadas. Como se os sentimentos fossem divididos com o autor, que lhe empresta a voz.

Uma história, ou até mesmo uma frase, pode ter o poder transformador e numinoso quando estamos em busca de ecos do que vivemos de forma obscura. Este

efeito numinoso nos faz encontrar um conhecimento sobre nós mesmos, devido à elaboração simbólica durante a leitura. Sobre o numinoso, Jung afirma:

[...] uma existência ou efeito dinâmico não causados por um ato arbitrário. [...] Qualquer que seja a sua causa, o numinoso constitui uma condição do sujeito, e é independente de sua vontade. [...] O numinoso pode ser a propriedade de um objeto visível, ou o influxo de uma presença invisível, que produzem uma modificação especial na consciência (JUNG, 1980, p. 6).

A partir deste entendimento de que a leitura pode ser transformadora, Leite (2005) fala do seu centro de pesquisa *A Cor da Letra*, no qual desenvolve projetos para atender jovens e crianças em situação de risco através da literatura. A psicóloga se diz surpreendida por perceber que as crianças destacam detalhes e revelam realidades diferentes daquelas que ela havia apreendido na leitura, a partir de relatos e perguntas feitas pelas outras crianças e jovens sobre os textos, os quais ela acreditava já dominar. Assim, ela acredita que a introdução ao mundo da leitura é uma ferramenta e recurso para a transformação desses jovens e crianças, pois desde a mais tenra idade eles são considerados como sujeitos ativos na construção de seus conhecimentos e de sua cultura.

A partir deste trabalho, a autora reconhece que os rumos de um destino podem ser reorientados por meio de uma intersubjetividade e de disponibilidade psíquica e, que isso, assim como a simbolização, é o mais importante para a trajetória de encontro com si mesmo.

Para Candido (2004):

[...] assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. [...] Não há povo e não há homem que possa viver sem ela. (CANDIDO, 2004, p. 174)

Assim, a opinião dos autores é baseada na contribuição da literatura para o desenvolvimento, pois a narrativa permite organizar a própria história e transformá-la. A possibilidade de saída do mundo conhecido para o ingresso no obscuro pode ser vivenciada para entrar em contato com nossos conteúdos e singularidades, resultando

em uma ampliação da consciência e a possibilidade de transformação caso esses conteúdos sejam conscientizados e elaborados.

RELATOS DE LEITORES SOBRE A SAGA:

A partir deste olhar em relação à leitura fantástica, seguem alguns depoimentos espontâneos de leitores, a fim de que possamos encontrar falas em que os estes relatam uma possível identificação com a personagem, ou relação de aspectos da leitura com a sua própria vida.

Foi pesquisado no site “Skoob” - que é também uma rede social direcionada para leitores - resenhas sobre os livros da trilogia Crônicas do Mundo Emerso. Duzentas e doze resenhas foram encontradas, de forma que selecionei as quatro seguintes, pois ilustravam melhor os aspectos que venho ressaltando.

Aedes: "Alguns podem achar que estou exagerando, que é apenas mais um livro de fantasia. Mas acho que a literatura toca em cada pessoa de um modo diferente. Ao ler um livro, me transporto para aquela realidade onde ele se passa. Sinto raiva, ódio, tristeza, dor, compaixão... Uma série de sentimentos que mudam com o virar de cada página".

@Flafli: "A beleza da história está justamente em ver os personagens heroicos cheios de defeitos e humanidades. Possibilita-nos durante a leitura refletir sobre filosofias de vida e visões de mundo. Pérolas como “(...) o bem e o mal nunca estão de um só lado.” estão presentes nas falas de mestres. A luta pela liberdade passa ser um fardo a ser questionado constantemente na obra. As reflexões feitas sobre o bem e o mal convivem com os personagens e transcendem a leitura da história tornando a ficção uma analogia ao mundo real".

Bárbara: "O que amarrou mesmo a esse livro incrível, eu confesso, foi a teimosia de Nihal. Meu Deus! Sou igualzinha a ela, tempestuosa, revoltada e decidida, alguém que gosta de fazer as coisas acontecerem com suas próprias mãos e detesta receber ordens. A persistência dessa garota, mesmo sendo alvo de tanta discriminação por ser mulher e ser guerreira, é realmente admirável".

Leo: "Uma heroína como nós é diferente dos heróis. Quando era criança sempre imaginava os heróis como seres atemporais, inatingíveis, destemidos, seguros e que perdiam apenas uma vez, este último é culpa dos desenhos animados. "A Garota da Terra do Vento" me fez rever em um livro as dúvidas que tenho na vida fazendo me sentir identificado com a vida da personagem".

Fonte: <http://www.skoob.com.br/livro/resenhas/635/edicao:837>

Mesmo esta pequena amostra vem confirmar o efeito da leitura na percepção dos leitores sob a própria vida em relação aos sentimentos evocados pela ela. Particularmente para estes jovens, a leitura da saga parece permitir a identificação com as personagens, seus conflitos e resoluções, disponibilizando reflexão e recursos para suas questões particulares.

Nos relatos, é possível perceber como cada um dos leitores é tocado de forma particular, seja pelo enredo completo, ou por uma característica da personagem. Não é incomum encontrar relatos que acabam "deturpando" o sentido de algumas passagens. Isso nos mostra como os leitores projetam suas fantasias na leitura, e a partir disto, pensam sobre si mesmos e sobre sua relação com o mundo.

Assim, pela apreensão desses elementos que mostram a identificação dos jovens com os personagens e a efetiva relação que os jovens fazem destes conteúdos com a própria vida, é possível pensar em uma ampliação de consciência. Pois, através dos trabalhos realizados pelos mediadores de leitura, psicólogos e até mesmo a reflexão sobre a experiência pessoal da leitura, existe a possibilidade de elaboração dos jovens sobre os conteúdos mobilizadores/mobilizados.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para realizar este trabalho, a pesquisadora partiu da sua experiência particular durante as leituras de histórias fantásticas. Percebendo ao longo dos anos, que cada livro permitia a construção de mais um pedacinho da existência, bem como as vivências especiais carregadas de afeto costumam fazer.

A partir dessas experiências de leituras fantásticas, surgiu o interesse sobre o impacto desta atividade, principalmente nos jovens. Durante a realização do trabalho, foi possível perceber, com as bibliografias selecionadas, que a leitura é um instrumento muito poderoso em vários aspectos. Pode propiciar vivências fantásticas, que permitem ao leitor conhecer a si mesmo de maneiras mais diversas, a partir da identificação e dos símbolos expressos nessas fantasias, além de ser uma ferramenta muito eficiente para jovens – e pessoas de todas as idades – que passam por situações de vulnerabilidade. A leitura permite que ele entre em contato com questões importantes de forma simbólica, sem precisar entrar em contato com a situação real e paralisante, inicialmente. Além de permitir que o jovem encontre nele mesmo características heroicas para vencer os obstáculos, encontradas nos personagens que se identificou.

Ler, como vimos, é conhecer a experiência de homens e mulheres, da nossa época ou de épocas passadas, transcrita em palavras que podem nos ensinar muito sobre nós mesmos [...] ao longo das páginas, experimentamos em nós, a um só tempo, a verdade mais subjetiva, mais íntima, e a humanidade compartilhada. (PETIT, 2008, p. 94)

Assim, foi possível perceber o caráter arquetípico na experiência da leitura, e o seu papel no encontro de si mesmo é particularmente importante na fase da adolescência, que é sensível às características heroicas de mudança e estruturação egóica. Sobre isto, Petit (2008) ressalta:

A leitura e a biblioteca são, desse modo, lugares onde alguns encontram armas que os encorajam na afirmação de si mesmos, onde se distanciam do que haviam conhecido até então. (PETIT, 2008, p. 86)

A leitura contribui que os jovens possam “atuar” sua realidade, serem mais autônomos e possuírem um maior autoconhecimento e, com isso, serem menos

objetos do discurso dos outros. Permitem que eles possam “jogar” melhor no tabuleiro social, assim como mostrou a pesquisa de Guimarães (2010).

A análise simbólica da trilogia, nos permite perceber como o padrão arquetípico está presente nas narrativas fantásticas, de modo que a trajetória da heroína percorre as fases descritas por Campbell. Desta forma, o olhar da psicologia analítica é uma fonte auxiliadora na compreensão desses padrões e sobre como eles podem influenciar e colaborar com o desenvolvimento de leitores jovens. Assim, a identificação do leitor com um personagem, permite uma possível elaboração de aspectos da psique inconsciente do leitor evocados pelos conteúdos arquetípicos da leitura fantástica, se esses forem conscientizados e elaborados.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS, Gustavo. **Psique e Imagem: estudos de psicologia arquetípica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BAYARD, Pierre. **Como falar dos livros que não lemos**. Editora Objetiva, 2007.

BLY, Robert. A Sombra: O Self Rejeitado. In: **Espelhos do Self: As imagens arquetípicas que moldam sua vida**. São Paulo, SP: Editora Cultrix LTDA, 1991. p. 23-25.

BOECHAT, Walter. **A mitopoese da psique: mito e individuação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CÂNDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CALDIN, Clarisse Fortkamp. **A leitura como função terapêutica: Biblioterapia**. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, n.12, dez. 2001

CAMPOS, Ivelise Fortim de. **Baile de Máscaras: Um estudo sobre a identidade virtual no IRC**. Dissertação de Mestrado apresentada à PUC-SP, 2001.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix. 1988.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Associação Palas Athena, São Paulo, 1988.

CECCON, Rodrigo Pereira; HOLANDA, Adriano Furtado. **Interlocução entre Rudolf Otto, Carl Gustav Jung e Victor White**. *Arq. bras. psicol.* Rio de Janeiro, v. 64, n. 1, abr. 2012. Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672012000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 27 abr. 2015.

FERNANDEZ, Mirta Gloria. **¿Dónde está el niño que yo fui?** Buenos Aires: Biblos, 2006.

FORTKAMP, LUCAS E SILVA. **Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso**. *Perspectivas em ciência da informação*, v. 11, n. 3 (2006).

FRANKEL, Richard. **The Adolescent Psyche: Jungian and Winnicottian Perspectives**. Hove and New York: Brunner-Routledge, 2003.

GUIMARÃES, Paula Pinheiro Varela. **“Sagas de rpgistas: um estudo junguiano acerca do encontro com o herói via Role Playing Games**. Dissertação de Mestrado apresentado à PUC-SP. São Paulo, 2010.

HALL, James. **Jung e a Interpretação dos Sonhos**. São Paulo, SP. Cultrix. 2007.

HOLLIS, James. **Sob a Sombra de Saturno, a ferida e a cura do homem**. Editora Paulus, São Paulo, SP, 1997.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. Petrópolis. Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **A review of the complex theory**. Collected works, v. 8, 1934.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. Obras Completas. Vol. VII. Petrópolis. Ed. Vozes, 1985.

JUNG, Carl Gustav. **O Livro Vermelho**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 113.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Obras Completas. Vol. IX/I. Petrópolis. Ed. Vozes. 2000.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia e Religião, Psicologia da Religião Ocidental e Oriental**. Obras Completas. Petrópolis: Vozes, 1980.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do Inconsciente**. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da transformação**. 3. Ed. Petrópolis, Vozes, [1952], 1999.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos**. Tradução de Lúcia Matilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ. Vozes, 1991a.

JUNG, Carl Gustav. & KERÉNYI, Karl. **A criança divina: uma introdução à essência da mitologia**. Petrópolis: Vozes, 2011.

KAST, Verena. **O Amor nos Contos de Fadas: o anseio pelo outro**. Petrópolis, RJ. Vozes. 2011.

LEITE, Patrícia. **Cultura e Desigualdade Culturais na França e no Brasil**. São Paulo: UNESCO. 2005.

NOEL, Daniel. *Reencontro com o herói*. In: **Espelhos do Self: as imagens arquetípicas que moldam sua vida**. São Paulo, SP: Editora Cultrix LTDA, 1991. p. 130-136.

OLIVEIRA, Luisa. **Coisas de menina: análise simbólica da personagem Buffy – a caça vampiros**. Dissertação de Mestrado apresentado à PUC-SP. São Paulo, 2007.

PENNA, Eloisa Marques Damasco. **A caminho da maturidade no mundo contemporâneo - adultescência – etapa do processo ou crise na individuação**. (Texto não publicado), São Paulo, 2012.

PETIT, Michèle. **A arte de ler: ou como resistir à adversidade**. Editora 34, 2010.

PETIT, Michèle. **jovens e a leitura, Os**. Editora 34, 2008.

PORTES, Gustavo Pereira; HAIG, Edward. **Busca por uma metodologia da influência dos animês em jovens brasileiros – uma perspectiva pós-junguiana**. MATRIZES, v. 7, n. 1, 2013.

SANFORD, John. **Os parceiros invisíveis: o masculino e o feminino dentro de cada um de nós**. São Paulo: Paulinas, 1986.

STEIN, Murray. **Jung - O mapa da alma**. Editora Cultrix, 2004.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. Editora Perspsctiva, São Paulo, 1975.

TROISI, Licia. **Crônicas do Mundo Emerso: Livro 1 – A Garota da Terra do Vento**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

TROISI, Licia. **Crônicas do Mundo Emerso: Livro 2 – A Missão de Senar**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

TROISI, Licia. **Crônicas do Mundo Emerso: Livro 3 – O Talismã do poder**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

TUDO SOBRE LIVROS (Crônicas do Mundo Emerso). “Disponível em: <http://tudosobrelivrosemais.blogspot.com.br/2011/05/cronicas-do-mundo-emerso.html>”. Acesso em 25 mai. 2013.

VON FRANZ, Marie-Louise. **O caminho dos sonhos**. Editora Cultrix, 2002.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A Interpretação dos Contos de Fadas**. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

VON FRANZ, Marie-Louise. **O Feminino nos Contos de Fadas**. Petrópolis: Vozes. 1995.

VON FRANZ, Marie-Louise. *O processo de individuação*. In: JUNG, Carl G. et al. **O homem e seus símbolos**. 21a. impr. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Edição Especial Brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, p. 158-229.

VON FRANZ, Marie-Louise. **Reflexos da Alma: Projeção é Recolhimento interior na psicologia de C. G. Jung**. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1992.

WHITMONT, Edward. C. **A Busca do Símbolo: conceitos básicos de psicologia analítica**. São Paulo: Cultrix, 1990.